



## Dia Internacional da Mulher

8 de março de 2015

**REPORTERES SEM FRONTEIRAS**  
PELA LIBERDADE DA INFORMAÇÃO

### Ser mulher jornalista: um engajamento e numerosos desafios

**Para marcar o Dia Internacional da Mulher em 2015, a Repórteres sem Fronteiras (RSF) fez uma homenagem à 10 jornalistas. Mulheres com diferentes perfis, dos quatro cantos do mundo, nos contaram um pouco sobre seu engajamento com a profissão e apontaram os numerosos desafios que tiveram que enfrentar ao longo da carreira.**

Se durante anos o jornalismo foi uma profissão essencialmente reservada aos homens, há atualmente uma presença cada vez maior de mulheres nas redações. Muitas optaram por se debruçar sobre o jornalismo investigativo e escrever sobre temáticas sociais sensíveis, como a denúncia de violações de direitos humanos e casos de corrupção. Atuar nessa área significa incomodar e, assim como seus colegas, essas jornalistas se tornam vítimas frequentes de intimidações, ameaças, agressões e assassinatos. Mas, pelo fato de serem mulheres, os tipos de pressões sofridas tomam formas específicas, como campanhas difamatórias e violências de caráter sexual ou ainda ameaças contra membros de suas famílias. O simples fato de ser mulher jornalista pode ser considerado, em algumas sociedades, “contrário às normas” e ser motivo de represálias.

Numa carreira que continua majoritariamente masculina, um grande número de mulheres opta por guardar o silêncio sobre as dificuldades e riscos que elas enfrentam no espaço de trabalho. Publicado em 2014, um estudo global realizado pela Fundação Internacional das Mulheres na Mídia (IWMMF) expõe um cenário alarmante. Aproximadamente dois terços das mulheres jornalistas entrevistadas afirmaram ter sido vítimas de intimidações, ameaças ou abusos em relação direta com sua atividade profissional. Em um terço dos casos, o responsável foi o próprio chefe. Mais da metade das mulheres jornalistas foram assediadas sexualmente e mais de um quinto foi vítima de violências físicas. Apesar do impacto psicológico desses abusos, o silêncio continua a regra e a denúncia a exceção.

“Eu fui ameaçada com frequência por telefone e por cartas anônimas durante dois anos. (...) Os autores me pediam para abandonar o meu trabalho, caso contrário eu seria responsável pela morte de membros da minha família”. Esse é o triste testemunho de uma jornalista afegã, em 2014, que acabou optando por pedir demissão, não sem antes denunciar publicamente os tipos de pressões que ela sofreu. Numa sociedade patriarcal, a ausência de proteção por parte das autoridades e a impunidade generalizada acabam alimentando um ciclo de violência e incitando algumas mulheres a abandonar suas carreiras.

Os depoimentos das jornalistas apresentados abaixo ilustram uma série de casos, de assédios sexuais à ameaças de morte, atrelados em muitas situações aos desafios de simplesmente ser mulher e exercer essa profissão em sociedades ainda profundamente marcadas pelo machismo. Levando em consideração os perigos enfrentados por mulheres jornalistas, o plano de ação das Nações Unidas para a Segurança dos Jornalistas e a Questão da Impunidade defende a “necessidade de uma abordagem de gênero” para o tema. Uma abordagem que deveria ser aprofundada com urgência.



## Khadija Ismailova

---

Azerbaijão  
Jornalista independente

A jornalista investigativa Khadija Ismailova se especializou em temáticas tabus no Azerbaijão: a corrupção e os conflitos de interesse nas altas esferas de poder do Estado. Em março de 2012, ela foi chantageada com um vídeo no qual ela aparecia tendo relações sexuais com seu namorado. No entanto, ela não se calou e continuou avançando com suas investigações, apesar da divulgação do vídeo.

Khadija Ismailova enfrentou de frente um regime determinado a calar as vozes críticas no país. Arriscando a própria vida, atacada pelos meios de comunicação oficiais e investigada por espionagem, ela acabou sendo presa, em dezembro de 2014, sob acusações absurdas. Antes de ser detida, ela estava acompanhando há meses a luta dos principais defensores de direitos humanos no país, também presos pelo regime, organizando o apoio jurídico e a assistência financeira às famílias, estabelecendo uma lista dos presos políticos e alertando diariamente a comunidade internacional.

O jornalista independente Seymour Khazi, que estava preso numa célula não muito distante da de Khadija Ismailova, escreveu numa carta aberta, publicada em janeiro de 2015: “Não sei se devemos ao aspecto extremamente patriarcal da nossa sociedade (...), mas quando eles queriam apontar o poder, a determinação e a coragem de uma mulher, nossos pais diziam sempre: ‘essa mulher é como um homem’. Hoje, (...) para expressar o caráter e a força de vontade de um homem, eu diria algo mais como: (...) esse homem é como a Khadija”.



## Brankica Stanković

---

Sérvia  
Diretora do programa Insajder, B92

Brankica Stanković dirige o programa de investigação “Insajder” desde a sua criação, em 2004, pelo canal de televisão sérvio B92. A jornalista, que revelou diversos escândalos de corrupção e trouxe à tona laços entre a máfia e a elite política e econômica no país, paga um preço elevado por cumprir com o seu trabalho.

Na medida em que trazendo a tona esses casos, as ameaças contra ela foram se multiplicando. Desde 2009, ela conta com uma escolta permanente de quatro policiais para todos os seus deslocamentos. Uma medida extremamente limitadora, tomada pelo Ministério do Interior, no momento em que os ataques contra ela ganharam força, em particular nas redes sociais.

No dia 16 de dezembro de 2009, após a difusão de um episódio de “Insajder” que denunciava o marasmo da justiça sérvia diante dos crimes dos torcedores do Partizan Belgrade, uma boneca inflável circulou pelas arquibancadas do clube durante um jogo do campeonato europeu. Os torcedores entoaram cantos que prometiam à “puta Brankica” o mesmo destino de Slavko Ćuruvija, jornalista assassinado dez anos antes.

Atualmente, apesar do perigo e das limitações de ter uma escolta policial, Brankica Stanković continua com seu trabalho de investigação. Ela faz parte dos 100 heróis da informação da Repórteres sem Fronteiras e, em 2014, recebeu o Courage in Journalism Award, da Fundação Internacional das Mulheres na Mídia (IWMF).



## Hla Hla Htay

---

Birmânia  
Agence France Presse

Correspondente da Agence France Presse (AFP) na Birmânia desde 2004, Hla Hla Htay começou a trabalhar como jornalista sob o regime repressivo da junta militar. Ela foi a primeira a obter fotografias da construção secreta da nova capital do país, Naypydaw. Em 2007, ela cobriu a sangrenta repressão da “Revolução Açafrão”.

Um ano mais tarde, ela documentou as consequências desastrosas do ciclone Nargis, num momento em que a censura militar se abatia contra todos aqueles que expunham a organização catastrófica da ajuda humanitária implementada pelas autoridades. “Sob a junta, nós éramos frequentemente seguidos e eu tinha que trocar sempre de telefone para contatar minhas fontes”, conta a jornalista.

“Muitos são aqueles que pensam que o jornalismo é uma carreira para homens. Eu me lembro que certos colegas homens adoravam fazer piadinhas dizendo que era graças ao meu “poder feminino” que eu conseguia os furos. Ser birmanesa e trabalhar como jornalista é confrontar a questão de gênero e os tabus culturais. Tenho que estar sempre atenta à minha credibilidade profissional e tento não me preocupar demais com essas discriminações”.



## Farida Nekzad

---

Afeganistão  
Fundadora da agência Wakht News

Co-fundadora e ex-editora chefe da agência de notícias Pajhwok Afghan News, Farida Nekzad passou os últimos 12 anos da sua vida sob ameaças. Ela foi alvo de tentativas de sequestros e assassinatos em diversas ocasiões. Em 2007, quando ela estava investigando a morte da jornalista Zakia Zaki, ela recebeu duas ligações, assim como e-mails, prometendo que ela iria acabar como sua colega. Sua determinação na defesa da liberdade de informação e dos direitos das mulheres só fez aumentar.

Em 2008, ela fundou a agência de notícias Wakht News na qual ela continua trabalhando como diretora e emprega mulheres jornalistas para fazer a cobertura de questões relativas aos direitos das mulheres no país. Apesar das dificuldades financeiras, a agência se tornou uma das principais fontes de notícia independente do Afeganistão.

Em 2014, Farida Nekzad se tornou presidente da Comissão de mídia, órgão interno da Comissão eleitoral independente, com o mandato de monitorar a imparcialidade dos meios de comunicação durante a cobertura presidencial. Durante vários meses, num clima de tensão extremo, ela se dedicou a investigar violações de regras eleitorais pelos meios de comunicação e a receber denúncias da população relativas à cobertura das eleições.

Ganhadora de diversos prêmios internacionais, entre os quais o Courage in Journalism Award, da Fundação Internacional das Mulheres na Mídia (IWMF), Farida Nekzad é um dos principais nomes do país no que se refere aos direitos das mulheres e milita ativamente para uma reforma do quadro legal em relação à imprensa para que os jornalistas possam estar melhor protegidos para exercer sua profissão.



## Noushin Ahmadi Khorasani

---

Irã

Jornalista e escritora, liderança do movimento feminista

Figura emblemática do movimento de luta pelos direitos das mulheres, Noushin Ahmadi Khorasani é jornalista, escritora e tradutora.

Há mais de 20 anos, ela denuncia a discriminação e as violações cometidas contra as mulheres. Ela é igualmente uma das fundadoras da campanha “Um milhão de assinaturas”, com o objetivo de reformar a legislação para que deixe de ser discriminatória. Noushin Ahmadi Khorasani, assim como outras mulheres que encabeçaram esse movimento, pagaram um preço alto pelo seu ativismo.

A jornalista é alvo recorrente de pressões por parte das autoridades. Detida em diversas ocasiões, atacada diariamente pelas suas publicações e chamados à mobilização, ela foi condenada em 2012 a um ano de prisão. Seu site, “Escola feminista”, que continua bloqueado no país, é uma fonte incontornável de informação e um espaço para reflexões sobre as diferentes problemáticas da luta das mulheres no Irã.

Noushin Ahmadi Khorasani já publicou 20 livros e assinou centenas de artigos.



## Solange Lusiku Nsimire

---

República Democrática do Congo  
Editora chefe do “Le Souverain”

Solange Lusiku Nsimire, é a única mulher no cargo de editora chefe na região do Kivu (leste do país). Reconhecida por suas reportagens investigativas, ela tem como objetivo manter a premissa do fundador do jornal: produzir um meio de comunicação independente que reflita a pluralidade de opiniões. “Quando nós denunciemos manobras financeiras ou as condições de trabalho nas minas, nós o fazemos para toda a sociedade, em nome da liberdade de imprensa”, afirma a jornalista.

Mãe de sete filhos, ela também tenta reavivar a cultura da palavra escrita, que os 30 anos de guerra ajudaram a fragilizar. “Eu quero contribuir com a memória coletiva do Kivu. Documentar as informações para as gerações futuras e evitar que boatos e a desinformação se propaguem”, declarou.

Uma tarefa essencial, mas difícil de realizar tendo em vista as ameaças quotidianas que ela recebe do governo, da oposição e até mesmo de parcelas da sociedade civil. “A neutralidade nos custa caro”. Além da publicação impressa, a jornalista se propõe a mobilizar o debate sobre os meios de comunicação nas ruas, promovendo leituras críticas nas quais artigos e reportagens são esmiuçados publicamente com a população e representantes do governo local. Suas investigações sobre assuntos políticos e sociais fizeram com que fosse proibida de atender à coletivas de imprensa organizadas pelas autoridades regionais.

Apesar das dificuldades, ela está decidida a continuar exercendo o jornalismo. Infelizmente, esse compromisso acaba tendo um forte impacto sobre sua família, muitas vezes vítimas de ataques e ameaças: “Eu escolhi essa profissão. Mas e eles? O que eles fizeram para merecer isso?”



## Mae Azango

---

Libéria  
Jornalista da FrontPage Africa

Mae Azango exerce o jornalismo há mais de 12 anos, mas foram suas publicações sobre o tema da mutilação genital feminina, tema sobre o qual se debruçou a partir de 2010, que a tornaram conhecida do grande público.

A chamada “sociedade secreta de Sande” na Libéria “prepara” jovens meninas para suas futuras ocupações de mãe e mulher casada. A mutilação genital é uma prática recorrente nesse meio. Depois de escrever um artigo denunciando essas as práticas, Mae Azango recebeu diversas ameaças e se sentiu obrigada a passar um mês escondida. “Eu queria alertar a opinião pública para tal prática e os riscos que trazem”, explicou a jornalista. Longe de ceder às pressões, ela persistiu e continuou denunciando a existência dessas sociedades secretas no mundo rural da Libéria. Suas publicações levaram a presidente Elaine Johnson Sirleaf a condenar, em 2013, a mutilação genital feminina, um tema considerado tabu no país.

Mae Azango continua a escrever sobre uma grande diversidade de temas sensíveis, valorizando a vida, os problemas e a experiência do cidadão comum: “Escrevo sobre direitos humanos, a expulsão dos camponeses de suas terras, questões relativas ao desenvolvimento, ao tráfico de seres humanos, a impunidade entorno das operações policiais... Eu escrevo para os que não tem voz, para os mais pobres, para aqueles que não têm palavras, para aqueles com os quais o governo só se preocupa em tempos de eleição. Eu escrevo para criar um debate público, para que as mudanças possam acontecer”.



## Marcela Turati

---

México  
Jornalista da revista Proceso

Marcela Turati, repórter da revista Proceso e co-fundadora da rede “Periodistas de a pie” decidiu se tornar jornalista porque acreditava que era uma forma de “transformar a realidade”. Ela tem como objetivo sensibilizar seus leitores e os aproximar das vítimas. Marcela é especializada em investigações de casos de violência, em particular sobre temas ligados aos cartéis e seus impactos sobre a sociedade mexicana. Uma escolha arriscada num país que é considerado o mais perigoso para a profissão nas Américas, no qual sua própria integridade física é uma questão para todos aqueles que investigam temáticas sensíveis.

No começo, ela disse que pensava que não haveria muitas diferenças na relação profissional entre um homem e uma mulher no jornalismo, mas sua própria experiência a fez mudar de ideia: “É mais difícil ser escolhida para ser enviada para lugares considerados mais perigosos, (...) temos que trabalhar duas ou três vezes mais para provarmos que somos capazes de lidar com essas situações. Não sei se se trata de machismo ou de superproteção, mas a verdade é que temos que trabalhar mais que os homens para cobrir esses casos”.

Marcela também ressaltou os casos de assédio sexual como sendo um problema frequente, mas para o qual se dá pouca atenção. Ela afirma que muitas vezes as denúncias não são levadas a sério, e as mulheres acabam sendo tratadas como malucas ou histéricas, ou ainda que fazem isso apenas para chamar a atenção.

Para melhorar a situação, Marcela insiste sobre a importância de acabar com a impunidade, de conduzir investigações com uma perspectiva de gênero e oferecer uma proteção adaptada às vítimas.



## Zaina Erhaim

---

Libéria  
Jornalista e professora em Alep

Formada na Universidade de Damas em 2007, Zaina Erhaim estava fazendo seu mestrado em Londres quando a guerra na Síria explodiu. Depois de concluir os estudos, ela retornou ao país para tentar narrar ao mundo os acontecimentos: “contar os mártires e as bombas é fácil, sobreviver é o desafio permanente”. Seu objetivo é reportar sobre o cotidiano das pessoas na situação de conflito, “dos comerciantes que continuam a vender suas frutas e legumes nas ruínas de um prédio bombardeado, (...) das crianças que vão brincar no meio de cemitérios depois da escola”.

Em 2013, ela começou a desenvolver um projeto de formação para cidadãos jornalistas na Síria, com o objetivo de profissionalizar o trabalho dessas pessoas que estavam arriscando suas vidas para documentar o que estava acontecendo. Ela passou a realizar diversos cursos e oficinas em Alep, Raqqa, Deir Ezzor e Idlib, onde ensinava questões práticas e conceituais da profissão, multiplicando a presença do jornalismo independente no país. “Alguns se tornaram colaboradores de meios de comunicação internacionais. É gratificante poder abrir espaço para que um ativista possa continuar a realizar seu trabalho de dentro de um canal de televisão”.



## Fatima Al Ifriki

---

Marrocos  
Jornalista e produtora de TV

Nascida em Rabat, Fatima Al Ifriki entrou no mundo do jornalismo por acaso e acabou se tornando uma das apresentadoras mais importantes do canal público de televisão no Marrocos. Apesar do sucesso profissional, ela foi colocada de escanteio quando passou a defender os movimentos que, a partir de 2011, começaram a pedir mais liberdade, democracia e respeito aos direitos humanos no país. É nesse momento que ela começa a escrever artigos críticos, pouco comuns no país, para diferentes jornais.

Ela se vê obrigada a parar de escrever durante um período, depois que sua família começou a ser ameaçada. Apesar do medo de sofrer represálias, ela voltou a publicar seus artigos alguns meses depois. Em 2014, ela funda a ONG Freedom Now, uma organização que luta pela liberdade de imprensa, junto com outros ativistas importantes no país, como Khadidja Riyadi, militante que recebeu em 2013 o prêmio de direitos humanos das Nações Unidas.